

[GILDA CHATAIGNIER]

Graduada em Jornalismo pela UFRJ. Mestre em Artes e Design pela PUC-RJ. Professora e autora de vários livros, entre os quais se destacam *Todos os caminhos da moda* (Rocco, 1997) e *Fio a fio: tecidos, moda e linguagem* (Estação das Letras e Cores, 2007).
E-mail: gilda.chataignier@gmail.com



[27]

Ou là-là...
c'est la mode!



O tempo esfriou e *madame* vestiu seu *manteau marron*, naquele tom acastanhado que casa com as temperaturas baixas. Podia ser *bordeaux*, convidando a um vinho, ou até mesmo um discreto *beige* café com leite. Mas "*marron* é sempre *marron*", pensou alto. Olhou-se no espelho e resolveu vestir-se com apuro, da cabeça aos pés, pois, quem sabe, "ele" poderia convidá-la para um *cappuccino* fumegante e... esticar o saboroso e inesperado encontro.

Mais uma vez no espelho, despiu-se completamente e viu que aqueles pneuzinhos poderiam rodar com sucesso em qualquer *Grand Prix* automobilístico. Jurou que faria regime e voltaria à academia de ginástica. E começou a "montar-se". Simpatizante de *gays* mas nem tanto, apenas de homens elegantes como Oscar Wilde – segundo ela, dose dupla mas encantador –, tirou das gavetas e dos cabides tudo aquilo que poderia se tornar fetiche.

O inverso *striptease* tornou-se volumoso, mas afinal de contas quase todas as peças eram *petites*, isso mesmo, pequenas!

Na primeira leva saiu de um saquinho onde guardava somente coisas novas, *slip*, ou seja, calcinhas. Eram variadas tanto em seus tons como em enfeites ou detalhes de costura. Que tal aquela *gris*, cinzenta como as nuvens de São Paulo? Mas... o *fecho éclair* lateral poderia incomodar... Lembrou-se dos mitológicos tempos do colégio e identificou-o com o raio, o poderoso raio de Júpiter. Não gostou nada, poderia ser atingida pela arma do deus. Além do mais, o vestido era quase colado ao corpo e, forçosamente, iria marcar suas formas. Lançou olhos compridos para as *dentelles en dégradée* de uma escondida calça, a favorita do enxoval que se perdeu no tempo: as rendas em tom sobre tom, o renomado e *chic ton sur ton* em matizes *rosées*. Parece que desta vez acertou...

Mas faltavam outras peças da *lingerie*, da fancaria ou da rouparia lusitana popular, as mais toscas. E o *sutian-gorge*, aquela coisa que sua bisavó usava beirando a garganta? Na verdade o sustentador de seio – é bom lembrar que o das francesas tende para pequeno – precisava de uma parceria com o *slip*. E fora na *véspera* que rodeara as *boutiques* do bairro à procura de coisa mais *sexy* nas lojas próximas.

Já estava atrasada quando optou pelo *tailleur*, talhado por alfaiate, mas com gosto feminino na saia *évasé*, bem lindona com seu corte enviesado que nada deixava a dever, com a exuberância de um dioríssimo *godet*. E sobre a pele, nada? Os bons costumes exigiam uma blusinha, mesmo que fosse com decote *bateau*, coisa de veranico com barco ao vento. Escolheu no armário uma amarfanhada blusa de *taffetas* de fibra natural, mais exatamente o tafetá de *soie naturelle*, quase impossível de se achar nos tempos bicudos de tecidos virtuais. Mas o *ensemble*, o conjunto, ficou bem degolado, sem graça... O que faltava? Simplesmente um cachecol, um tanto atrevido *cache-col* que protege pescoços e colos. *Rouge* como as *pommettes* maquiadas como maçãs vermelhas. E ao mesmo tempo leve como a *mousseline* original da Turquia, e não aquela que dança nos camelôs de rua.

Bem, *madame* estava quase pronta! E quase se esqueceu da bolsa, optando pela prática *pochette* presa ao cinto. Ah! E ainda levava o *nécessaire* onde colocava miudezas, batom, rímel e o que mais coubesse. Incluindo o *parfum* do momento. Coisas da moda...

Um caso de amor

Desde que o príncipe regente D. João – que mais tarde, já no Brasil, receberia o título de D. João VI – fez a "segunda descoberta" do Brasil, o francês, um belo idioma, entrou na moda que por aqui acontecia. Ainda que, em 1808, os modismos fossem um tanto limitados, ninguém duvidava que essas raízes feitas de seda e linho fossem de Paris. A vinda da corte para cá, como é notório, deve-se ao conflito europeu. Napoleão havia decretado um bloqueio continental que proibia a todos os países fornecer produtos industriais, gêneros alimentícios ou matérias-primas para a Inglaterra. Portugal era um fornecedor natural da Inglaterra – principalmente das matérias-primas oriundas do Brasil –, a qual exigiu que não houvesse nenhuma interrupção nesse processo. Pressionado pelas duas grandes potências da época, D. João adiou sua decisão sobre quem apoiar até a última hora, optando no fim pela Inglaterra e já com as tropas francesas invadindo o território português. Mas a decisão política não foi suficientemente

forte para eliminar a influência cultural francesa que já existia tanto na metrópole portuguesa como mais modestamente na colônia ultramarina. Com efeito, um fato que merece destaque é que as mulheres da corte que aqui aportaram em 1808 usavam a última moda francesa. Era justamente a moda que estava em voga: os vestidos tipo camisolinhas, cortados sob o busto e com a saia ligeiramente franzida ocultando a parte inferior do traje. E a estilista *avant la lettre* que havia criado esse modelito era nada mais nada menos que a própria mulher de Napoleão, a esbelta Josephine, nascida na ilha de Martinica, possessão francesa. Um caso de amor à primeira vista existiu entre as brasileiras que aguardavam a chegada da corte na Praça XV e essas criações, uma vez que o tipo de moda que ela representava tinha um clima de leveza e os bons eflúvios do mar próximo.

A origem dos primeiros europeus aqui estabelecidos, como não podia deixar de ser, era basicamente portuguesa. Aventureiros, imigrantes, degredados ou marcados pelo destino constituíram os tipos mais comuns que marcaram o início da colonização, ainda que Portugal privilegiasse famílias completas para aqui se expandirem e povoarem o novo território. O período entre o início do século XVIII e meados do século XIX (1700-1850) foi considerado como "imigração de transição", na qual os portugueses aqui chegavam em grandes levas.

Foi apenas na segunda metade do século XIX que os franceses vieram efetivamente para o Brasil. Anteriormente, houve inúmeras investidas de franceses, como a de Villegaignon que aqui queria criar a França Antártica com o apoio da coroa francesa e de piratas dos séculos XVI e XVII, todos seduzidos pelo *Paradis Tropical*, mas foram rechaçados pelas forças portuguesas muitas vezes com o apoio dos indígenas nativos. De forma legal, porém, o primeiro espaço brasileiro a receber um fluxo migratório significativo dos habitantes da antiga Gália foi nos entornos de Belém do Pará, no qual foi criado um núcleo de franceses chamado Colônia de Benevides. Mas a sedução deu-se mesmo quando os franceses descobriram os encantos do Rio de Janeiro e intensificaram um fluxo migratório de maior monta para a região onde se dedicaram às atividades em que são mestres, tais como a gastronomia salpicada com ervas finas, os eflúvios dos vinhos e champanhes e, *ça va sans dire* (nem é preciso dizer), a moda e seus artifícios que enfeitiçam e que se fazem exprimir por palavras como *beauté, bijoux, maquillage, tissus, cheveux colorés* e outras mais, como rococó, eufemismo do século XVIII conhecido também como o século Rococó, *eau de toilette, parfum* etc.

O centro chique do Rio de Janeiro formou-se na Rua do Ouvidor, cuja primeira nomenclatura fora Rua dos Latoeiros com seu comércio ligado a consertos de metais e panelas. E a escolha dos comerciantes pegou! Entre modistas e especialistas nas artes da moda no Rio de Janeiro, destacamos: Ana Durocher, Mme. Zélie, Monsieur Durand, Bouquet, Mlle. Clémence Saisset, Mlle. Lucy, Mme. Finot, Mme. Aran, Mme. Bellard, Mme. Eugénie Doll, Mme. Bonhomme, Mme. Haugonte e quase uma centena de mulheres pioneiras na moda carioca.

O idioma francês era falado entre *madames* e *vendeuses*, que assim começaram no aprendizado da moda que não fazia parte das aulas colegiais, exceção para ricos colégios de freiras.

Além de dar *status*, o francês com seus "biquinhos de lacre" firmou-se no dicionário da moda, e até hoje grande parte do seu vocabulário vem da terra de Chanel e Vionnet. Alguns dos vocábulos tornaram-se familiares, até mesmo para o sexo masculino.

Só para dar um exemplo de charme e sonoridade, não podemos esquecer: *griffe, frou-frou, ballonné, jabot, jupe-culotte, maillot, prêt-à-porter, haute couture, allure, moulage, chemise, chemisier, bijoux, vison, lurex, toilette, soutache, cache-sexe, corselet, costume, mocassin, mule, vintage* (termo inglês adotado pelos franceses), *renard, veste, turban, socquette, charme, pantalon...*

